

PET-SAÚDE: O PAPEL DA FARMÁCIA NO PROCESSO DE CLIMATÉRIO DE MULHERES TRABALHADORAS NO SUS

DIELEN BENEVENTANA LUDTKE¹; MAIARA VARGAS MACIEL²; ISABEL MARTINS MADRID³; EDUARDA HALLAL DUVAL⁴; JULIANE FERNANDES MONKS DA SILVA⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – dielenludtke@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maiaravargasmaciel@gmail.com

³Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas – imadridrs@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – eduardahd@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – julianemonks@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, o climatério é uma fase natural e não patológica da vida da mulher, marcando a transição entre o período reprodutivo e o não reprodutivo. Ocorre entre os 40 e 65 anos e está dividido em três fases: pré-menopausa, perimenopausa e pós-menopausa. Cada uma dessas fases apresenta características distintas, como a diminuição da fertilidade e ciclos menstruais irregulares. A fase do climatério é caracterizada pela redução na produção de estrogênio, o que pode desencadear mudanças em diversos processos biológicos, incluindo alterações cardiovasculares, cerebrais, cutâneas, geniturinárias, ósseas e vasomotoras, além de impactar o humor e o apetite (SOUZA GUERRA et al., 2019). Embora muitas mulheres passem por essa fase sem sintomas significativos ou necessidade de medicamentos, é crucial haver um acompanhamento contínuo para promover a saúde, detectar precocemente eventuais problemas e prevenir possíveis complicações (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008; SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENDOCRINOLOGIA E METABOLOGIA, 2018).

Para mulheres que realizam alguma atividade profissional, essa fase pode ser particularmente desafiadora. A pressão emocional e as exigências do ambiente de trabalho podem intensificar a experiência do climatério, impactando negativamente sua qualidade de vida e capacidade de desempenho profissional (ALBUQUERQUE et al., 2019).

O Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET- Saúde), com o foco em equidade (EDITAL N°. 11/2024), busca abordar essas desigualdades enfrentadas pelas mulheres trabalhadoras e futuras trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (SUS) durante o climatério. O objetivo do programa foi criar atividades que oferecessem suporte necessário e garantia do recebimento de atenção e cuidados adequados, reconhecendo que muitas dessas profissionais dedicam-se a cuidar das pessoas e, frequentemente, negligenciam seu próprio bem-estar. No contexto multiprofissional do PET-Saúde, graduandos e profissionais da Farmácia têm a oportunidade de atuar na orientação e apoio às mulheres em relação ao uso seguro de medicamentos, como a terapia de reposição hormonal (TRH), e na promoção de intervenções não farmacológicas que possam promover o bem-estar dessas mulheres (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2021).

Assim, o objetivo deste trabalho foi descrever como graduandos do Curso de Farmácia, inseridos no “PET-Saúde: equidade”, podem contribuir no

acompanhamento de mulheres trabalhadoras e futuras trabalhadoras do SUS durante o processo de climatério.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O “PET-Saúde: equidade” iniciou em maio de 2024, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Pelotas-RS. Está constituído por cinco grupos de atuação na rede municipal de saúde (RMS), cada um responsável por abordar diferentes temáticas. O grupo cinco está responsável por trabalhar a temática equidade voltada para os processos de maternagem, climatério e lactação. Neste grupo estão atuando duas acadêmicas do Curso de Farmácia, duas do curso de Medicina Veterinária, uma do curso de Enfermagem, uma do curso de Medicina, e duas do curso de Artes Visuais, proporcionando uma abordagem interdisciplinar e diversificada.

Até o momento, as atividades do programa concentraram-se na realização de um mapeamento de trabalhadoras do SUS que estão vivenciando os processos de maternagem, climatério e lactação. Esse mapeamento realizado por meio de um formulário digital teve como objetivo coletar informações gerais sobre as participantes e suas vivências, além de identificar as limitações enfrentadas no ambiente de trabalho durante essa fase. O questionário foi divulgado em várias Unidades Básicas de Saúde (UBSs) do município, utilizando grupos integrados de trabalhadores da RMS via aplicativo *WhatsApp*, a partir de julho deste ano. O mapeamento permanece em andamento, visando atingir o maior número possível de mulheres para garantir a representatividade dos dados coletados.

Em relação a temática “climatério/menopausa”, para estimular a adesão das trabalhadoras ao formulário e facilitar a compreensão sobre o tema, foram confeccionados *cards* educativos, explicando o conceito de climatério, um termo que muitas vezes gera confusão por abranger não apenas a menopausa em si, mas também os períodos que a precedem e sucedem. Esses *cards* foram divulgados juntos com o formulário.

A escolha do formato digital para a coleta de dados teve como objetivo facilitar o acesso de todas as trabalhadoras, permitindo que pudessem responder de forma prática e anônima, respeitando o sigilo de suas informações. Esse aspecto é importante, pois temas relacionados ao climatério e menopausa podem ser sensíveis e gerar desconforto ao serem discutidos abertamente. Garantir confidencialidade ajuda a criar um ambiente seguro, incentivando as profissionais a fornecerem respostas mais sinceras e detalhadas. Além disso, segundo Vasconcellos e Guedes (2007), o uso de questionários eletrônicos não só proporciona maior flexibilidade, permitindo que os respondentes os preencham nos momentos e locais mais convenientes, como também contribui para a confiabilidade e qualidade dos dados coletados. Essa abordagem evidencia a importância de estratégias inovadoras para promover uma participação ativa, mesmo diante das restrições impostas pela rotina de trabalho.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da farmácia na abordagem dessa temática está voltado a orientações e esclarecimentos sobre a terapia de reposição hormonal (TRH). Um estudo de Silveira et al. (2020), que avaliou mulheres de 35 a 50 anos atendidas no ambulatório da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG), revelou

que muitas delas, embora ainda não estivessem na pós-menopausa e não utilizassem terapia hormonal no momento da pesquisa, demonstraram desconhecimento significativo sobre a TRH e suas implicações, o que reforça a ideia da necessidade de acesso a informações claras e completas.

A TRH tem se consolidado como uma alternativa terapêutica amplamente escolhida, utilizando estrogênio isolado ou em combinação com progestágenos. Embora seja uma prática estabelecida há décadas, a TRH continua a gerar controvérsias em relação aos seus riscos e benefícios. Essa dualidade de percepções exige uma abordagem cuidadosa e informada tanto por parte dos profissionais de saúde quanto das pacientes (SILVA et al., 2019). Embora a terapia seja considerada uma importante aliada no alívio de sintomas do climatério e na redução do aparecimento de doenças, não está isenta de riscos, incluindo o aumento do risco de doenças cardiovasculares e câncer de mama. Portanto, a prescrição deve ser individualizada, sendo necessário considerar o histórico de saúde da paciente, os sintomas apresentados, a idade e o tempo desde a menopausa, suas preferências, o tipo de terapia hormonal mais apropriado e a necessidade de monitoramento contínuo (BELÉM et al., 2019).

A partir dos resultados do mapeamento, acadêmicos e profissionais da área da farmácia terão a oportunidade de promover o uso seguro e racional de medicamentos, por meio de ações de educação em saúde, junto a equipe multiprofissional. Já que há dúvidas frequentes sobre quais medicamentos utilizar para tratar os sintomas do climatério, o que pode levar a erros de medicação e a uma automedicação irracional. Além disso, incertezas em relação aos efeitos adversos e à eficácia dos medicamentos podem resultar em baixa adesão ao tratamento e insucesso terapêutico (ALVES PADUA, 2022)

Segundo Santos et al. (2022) a combinação entre o tratamento medicamentoso e abordagens não farmacológicas é essencial para o sucesso terapêutico, com recomendações como evitar o tabaco, moderar o consumo de álcool, aumentar a ingestão de proteínas e líquidos, e praticar exercícios físicos regulares. Essas medidas simples podem aliviar muitos dos sintomas do climatério, ajudando a melhorar a qualidade de vida dessas mulheres.

O PET-Saúde, portanto, destaca-se como uma oportunidade valiosa para os alunos do curso de farmácia aplicarem e expandirem seu conhecimento sobre o climatério, que além de contribuir para a melhoria da qualidade de vida de mulheres trabalhadoras, vivenciam na prática situações que certamente irão enriquecer não só a vida acadêmica como profissional.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, G. P. M. de et al. Quality of life in the climacteric of nurses working in primary care. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, n. suppl 3, p. 154–161, dez. 2019.

ALVES PADUA, R. Universidade de São Paulo Faculdade de Ciências Farmacêuticas Curso de Graduação em Farmácia-Bioquímica O climatério e sua assistência farmacêutica na atenção básica à saúde do município de São Paulo. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/3e6a39bb-aceb-4541-8d32-fe828c600cbe/3137029.pdf>. Acesso em: 8 out. 2024.

BELÉM, G. L. S. et al. Riscos e benefícios da terapia hormonal no climatério. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 11, n. 4, p. e244, 17 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual de Atenção à Mulher no Climatério / Menopausa*. Brasília, DF, 2008. Acessado em 31 ago. 2024. Online. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/manual-de-atencao-a-mulher-no-climaterio/>.

DA SILVEIRA, Ana Luísa Rodrigues et al. Avaliação do grau de conhecimento acerca da terapia de reposição hormonal no climatério em mulheres atendidas no ambulatório de uma faculdade privada em Minas Gerais. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, v. 4, n. 2, p. 27-35, 2020.

OLIVEIRA, J. G. de; GONÇALVES, K. A. M. Climatério e menopausa: orientações do farmacêutico e o impacto na saúde da mulher. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 14, p. e509101422327, 12 nov. 2021.

SANTOS, Ê. C. et al. O impacto do uso da terapia de reposição hormonal na qualidade de vida das mulheres em climatério. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 11, p. e11177, 1 nov. 2022.

SILVA, M. M. da et al. Evidências contemporâneas sobre o uso da terapia de reposição hormonal. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 2, n. 2, p. 925–969, 11 fev. 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENDOCRINOLOGIA E METABOLOGIA. O que é climatério. [Internet]. Rio de Janeiro, 2009-2018. Acessado em 01 set. 2024. Disponível em: <https://www.endocrino.org.br/o-que-e-climaterio/>.

SOUZA GUERRA, G. E. et al. Quality of life in climacteric women assisted by primary health care. *PLOS ONE*, v. 14, n. 2, p. e0211617, 27 fev. 2019.

VASCONCELLOS, L.; GUEDES, L. E-surveys: Vantagens e limitações dos questionários eletrônicos via internet no contexto da pesquisa... *ResearchGate*, p. 9–10, 2007.